

Guerra às meninas

THE ECONOMIST | A tecnologia só fez aumentar a crueldade contra o sexo feminino em vastas porções do planeta

A ESCRITORA CHINESA Xinran Xue narra sua visita a uma família de agricultores na região de Yimeng, na província de Shandong. A mulher estava dando à luz. "Tínhamos acabado de nos sentar na cozinha e ouvimos um gemido de dor no quarto ao lado", ela escreve. "Os gritos ficaram mais fortes - de repente pararam. Houve um soluço baixo e a voz rouca de um homem disse, em tom acusador: 'Coisa inútil!'

De repente, pensei ter ouvido um ligeiro movimento no balde de dejetos atrás de mim", lembra-se Xinran. "Para meu horror absoluto, vi um pequeno pé saindo do balde. A parteira deve ter jogado o bebê vivo no balde de lixo! Eu quase saltei na sua direção, mas os dois policiais que me acompanhavam seguraram meus ombros firmemente. 'Não se mexa, você não pode salvá-la, é tarde demais!'

"Mas isso é assassinato... e vocês são a polícia! O pezinho estava parado agora. Os policiais me seguraram por mais alguns

Hoje em dia, bebês fêmeas são mortas ainda no ventre. O "generocídio" desequilibra a população na China, Índia, Cingapura, Taiwan e Coreia do Sul

minutos. Acabar com um bebê menina não é uma grande coisa aqui', disse tranquilamente uma mulher mais velha. 'Mas é uma criança viva', eu disse, com a voz abalada, apontando para o balde. 'Não é uma criança', ela corrigiu. 'É uma menina, e não podemos ficar com ela. Neste lugar, você não vive sem um filho. Meninas não contam!'

Em janeiro de 2010, a Academia Chinesa de Ciências Sociais (ACCS) mostrou o que pode acontecer com um país onde os bebês meninas não contam. Dentro de dez anos, informou a academia, um em cada cinco rapazes não conseguirá encontrar uma esposa por falta de moças - um número sem precedentes em um país em paz.

O número se baseia na discrepância de gêneros entre as pessoas até 19 anos. Segundo a ACCS, em 2020, a China terá de 30 milhões a 40 milhões mais homens dessa idade do que jovens mulheres. Em comparação, há 23 milhões de meninos com menos de 20 anos na Alemanha, França e Grã-Bretanha juntos, e cerca de 40 milhões de rapazes americanos. Por isso, a China en-



frenta a perspectiva de em dez anos ter o equivalente a toda a população masculina jovem dos Estados Unidos, ou quase o dobro da dos maiores países da Europa, com pequena perspectiva de casamento, sem lar próprio e sem a participação na sociedade conferida pelo casamento e os filhos.

O "generocídio" - para emprestar o título de um livro de 1985 de Mary Anne Warren - é muitas vezes visto como consequência indesejada da "política de filho único" da China, ou como um produto da pobreza ou ignorância. Mas o excedente de solteiros - chamados na China de *guanggun*, ou "galhos vazios" - parece ter-se acelerado entre 1991 e 2005, de ma-



neiras não evidentemente ligadas à política de filho único, que foi adotada em 1979. E, como está ficando claro, a guerra contra os bebês meninas não se limita à China.

Partes da Índia têm proporções de gênero tão distorcidas quanto em seu vizinho do Norte. Outros países do Extremo Oriente - Coreia do Sul, Cingapura e Taiwan - têm números peculiarmente altos de nascimentos de meninos. O mesmo acontece, desde o colapso da União Soviética, nos ex-países comunistas do Cáucaso e dos Balcãs Ocidentais. Até subgrupos da população americana estão seguindo essa tendência, embora não a população como um todo.

A verdadeira causa, afirma Nick Eberstadt, um demógrafo do Instituto de Empresas Americanas, um grupo de pensadores em Washington, não é a política particular de um país, mas "a colisão fatal entre a preferência generalizada por filhos homens, o uso cada vez mais comum de tecnologia pré-natal para determinar o sexo e o declínio da fertilidade". São tendências globais. E a destruição seletiva de bebês meninas também é global.

Os meninos têm uma probabilidade ligeiramente maior que as meninas de morrer na infância. Para compensar, nascem em maior número para que haja quantidades iguais dos dois gêneros na puberdade. Em todas as sociedades que registram os nascimentos, normalmente nascem de 103 a 106 meninos para cada 100 meninas. A proporção foi tão estável ao longo do tempo que parece ser a ordem natural das coisas.

Essa ordem mudou fundamentalmente nos últimos 25 anos. Na China, a proporção de gêneros para a geração nascida entre 1985 e 1989 foi de 108, já um pouco acima da taxa natural. Para os nascidos em 2000-2004, foi de 124. Segundo a ACCS, a proporção hoje é de 123 meninos para 100 meninas. Esses índices são biologicamente impossíveis sem a intervenção humana.

Outros países têm proporções de gênero com grande desvio, sem os controles populacionais draconianos da China. A proporção de gêneros de Taiwan também aumentou de pouco acima do normal, para 110 no início da década de 90; e permanece pouco abaixo desse nível. No mesmo período, a proporção da Coreia do Sul aumentou de pouco acima do normal para 117 em 1990 - então a mais alta do mundo -, antes de recuar para níveis mais naturais. Os dois países já eram ricos, em rápido crescimento e tornando-se mais instruídos, enquanto o equilíbrio entre os gêneros oscilava acentuadamente na direção dos homens.

A Coreia do Sul está experimentando consequências surpreendentes. O excedente de homens solteiros em um país rico atraiu noivas do exterior. Em 2008, 11% dos casamentos foram "mistos", a maioria com mulheres estrangeiras. Isto está causando tensões em uma sociedade até então homogênea, que muitas vezes é hostil aos filhos de casamentos mistos. As crianças mestiças são tão comuns que deram origem a uma nova palavra: "cosiáticos", ou coreanos-asiáticos.

A China é nominalmente um país comunista, mas em outros lugares o colap-



so do comunismo foi associado ao crescimento das disparidades de gênero. Depois que a União Soviética implodiu, em 1991, houve um aumento na proporção de meninos na Armênia, no Azerbaijão e na Geórgia. As proporções de gêneros aumentaram dos níveis normais em 1991 para 115-120 em 2000. Um aumento também ocorreu em vários países dos Balcãs, depois das guerras de secessão iugoslavas. A proporção na Sérvia e na Macedônia fica em torno de 108. Existem até sinais de proporções de gêneros distorcidas nos EUA, entre vários grupos de asiático-americanos.

Mas o país com o registro mais notável é outro supergigante, a Índia. Ela não produz números de proporção de gêneros no nascimento, por isso seus índices não são estritamente comparáveis com os outros. Mas não há dúvida de que o nascimento de meninos aumentou em relação ao de meninas. Os estados de Punjab e Haryana, no noroeste da Índia, têm proporções tão altas quanto as das províncias chinesas do leste e do sul. Em nível nacional, a proporção em crianças de até 6 anos aumentou de biologicamente normais 104 em 1981 para biologicamente impossíveis 108 em 2001. Em 1991 houve um único distrito com proporção de gêneros superior a 125; em 2001 havia 46.

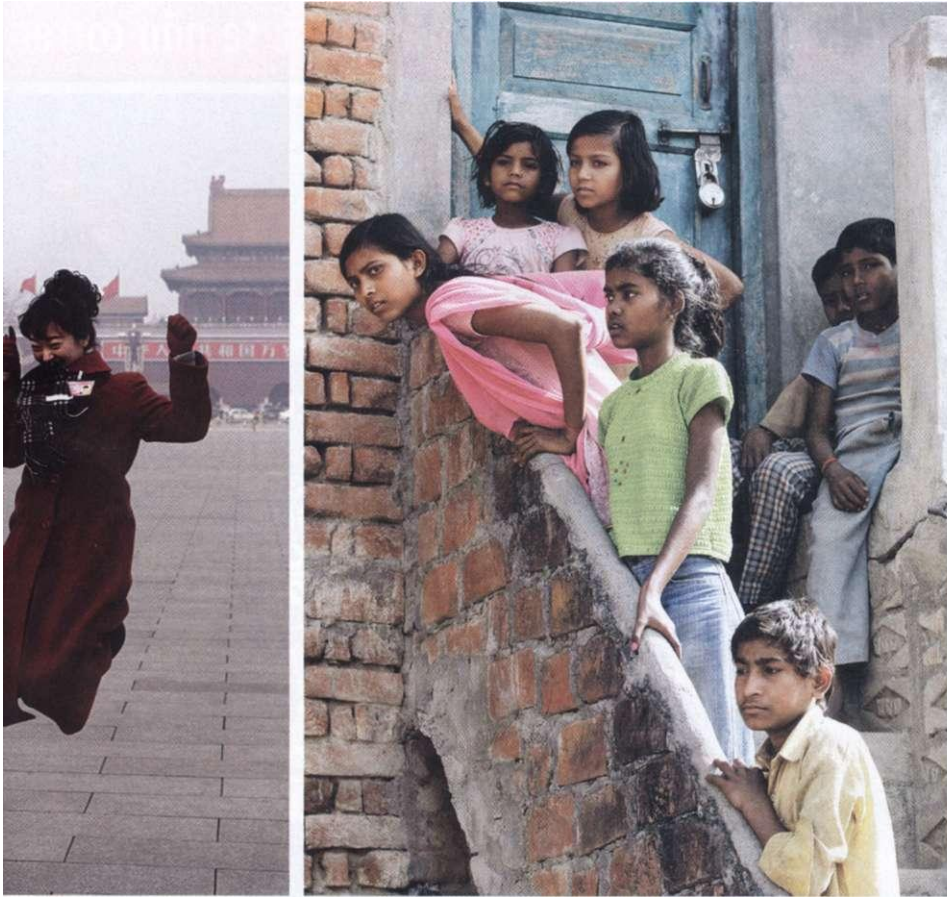
A sabedoria convencional sobre essas disparidades é que elas são consequência

Anúncio de exames de ultrassom na Índia (com sugestão de aborto): "Pague 5 mil rúpias hoje e economize 50 mil amanhã"

Gira a roda. A ocidentalização mudará a vida de chinesas e indianas?

do "pensamento retrógrado" nas sociedades antiquadas ou - na China - da política de filho único. Por implicação, reformar a política ou modernizar a sociedade (por exemplo, melhorando a situação das mulheres) deveria trazer a proporção de gêneros de volta ao normal. Mas isso nem sempre é verdade e, quando é, o caminho para o equilíbrio é sinuoso e acidentado.

Até os anos 80, a população dos países pobres pouco podia fazer sobre essa preferência: antes do nascimento, a natureza seguia seu curso. Mas, naquela década, os exames de ultrassom e outros métodos de detectar



o sexo de uma criança antes do nascimento começaram a aparecer. Os médicos na Índia passaram a anunciar exames de ultrassom com o seguinte slogan: "Pague 5 mil rupias hoje e economize 50 mil amanhã" (a economia era o custo do dote de uma filha). Milhões de casais que queriam um filho, mas se recusavam a matar bebês meninas, optaram pelo aborto.

A disseminação da tecnologia de imagens fetais não apenas alterou a proporção de gêneros como também explica o que de outro modo seria uma espécie de quebra-cabeça: as disparidades de gênero tendem a aumentar com a renda e a educação, o que não seria de se esperar se o "pensamento retrógrado" fosse tudo o que importava. Na Índia, alguns dos estados mais prósperos - Maharashtra, Punjab e Gujarat - têm as piores proporções de gênero. Na China, quanto maior o índice de alfabetização de uma província, maior o desvio de sua proporção de gêneros. A diferença também aumenta com a renda per capita.

Ao longo da história, os rapazes foram responsáveis pela vasta preponderância de crimes e violência - especialmente os homens solteiros em países onde a posição social e a aceitação dependem de ser casado e ter filhos, como na China e na Índia. Uma crescente população de homens solteiros frustrados significa problemas.

O índice de criminalidade quase dobrou na China nos últimos 20 anos, enquanto aumentava a proporção de gêneros, com muitas histórias de sequestro de noivas, tráfico de mulheres, estupro e prostituição. Um estudo sobre se essas coisas estavam conectadas concluiu que sim, e as proporções de gênero mais altas correspondiam a cerca de um sétimo do aumento da criminalidade. Na Índia, também há uma correlação entre os índices de crimes nas províncias e a proporção de gêneros.

Algumas das consequências do desvio na proporção de gêneros foram inesperadas. Os pais com um único filho pouparam para aumentar as probabilidades de

atrair uma esposa no mercado conjugal ultracompetitivo da China. Shang-Jin Wei, da Universidade de Colúmbia, e Xiaobo Zhang, do Instituto Internacional de Pesquisas de Política Alimentar, em Washington, descobriram não apenas que as famílias com filhos homens poupam mais do que as que têm filhas mulheres em todas as regiões, mas que tendem a aumentar o índice de poupança quando vivem em uma região com uma proporção de gêneros mais anormal. Eles calculam que cerca da metade do aumento da poupança na China nos últimos 25 anos pode ser atribuída ao aumento da desproporção de gêneros.

Mas a história da destruição das bebês meninas não termina em profunda tristeza. Pelo menos um país - a Coreia do Sul - inverteu a preferência cultural por meninos e cortou a proporção de gêneros distorcida. Existem motivos para pensar que a China e a Índia poderão segui-la.

A Coreia do Sul foi o primeiro país a registrar desequilíbrios extremamente altos e o primeiro a cortá-los. Entre 1985 e 2003, a parcela de sul-coreanas que disseram em pesquisas que sentiam que "precisavam ter um filho" caiu quase dois terços, de 48% para 17%. Depois de uma década, a desproporção de gêneros começou a cair em meados dos anos 1990 e hoje é de 110 para 100. Monica Das Gupta, pesquisadora do Banco Mundial, afirma que a modernização não apenas torna mais fácil controlar o sexo dos filhos, como também muda os valores e mina as normas que atribuem maior valor aos meninos. A certa altura, uma tendência torna-se mais importante que outra.

É possível que a China e a Índia estejam chegando a esse ponto. O censo de 2000 e estudo da ACCS mostraram a proporção de gêneros estável, em aproximadamente 120. Ao menos parece ter parado de aumentar. Das Gupta indica que, embora os dois gigantes sejam mais pobres que a Coreia do Sul, seus governos estão fazendo mais do que nunca para convencer as pessoas a tratar as meninas igualmente (através de leis antidiscriminação e campanhas na mídia). Finalmente, ela reconhece, "parece haver uma incipiente inversão do fenômeno das 'garotas desaparecidas' na Ásia".



*©2010 The Economist Newspaper Limited. Todos os direitos reservados. Fonte: The Economist, traduzido por CartaCapital, publicado sob licença. O artigo original, em inglês, pode ser encontrado em www.economist.com